

A mística do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra:

um dispositivo estético-político potente frente às crises no contemporâneo.

Palavras-chave: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, mística, arte contemporânea, performance, cultura Sem Terra, dispositivo estético-político.

Deborah Alencar Meira; Universidade Federal do Ceará; Fortaleza, Ceará, Brasil; deborahmeira.arte@gmail.com

Ancorado em Arturo Escobar (2014, 2018), que propõe uma reorientação ontológica dos movimentos sociais — na qual corpos e territórios operam como elementos culturais na construção de experiências sensíveis capazes de romper com a racionalidade dominante do colonialismo — este artigo compreende a mística do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) (BOGO, 2010) como um desses espaços de criação de mundos. Em consonância, Isabelle Stengers (2018) introduz a noção de *cosmopolíticas* como abertura para múltiplas formas de existência e resistência que escapam aos códigos do saber hegemônico, permitindo pensar a mística como prática que articula territórios, corpos e cosmologias diversas. Nessa perspectiva, a mística é compreendida no campo da arte contemporânea como um dispositivo estético-político de formação subjetiva e coletiva, que estabelece um contraponto à hegemonia cultural capitalista e reafirma a arte como um campo em disputa (RANCIÈRE, 2004). Esse argumento se insere no contexto da mística realizada durante a celebração dos 40 anos do MST, ocorrida na Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, em março de 2024, evidenciando na prática a articulação entre corpos, territórios, saberes e resistência que fundamenta a criação de novos mundos proposta pelos movimentos sociais.

No escopo da cultura Sem Terra, a mística apresenta-se como uma das principais matrizes formativas dos sujeitos políticos e “Se revela em todos os momentos: na vida pessoal e na relação afetiva, no trabalho produtivo e na luta política, na dor e na festa” (PELOSO, 1994, p. 3). Trata-se de uma vivência estético-política tradicional dos encontros

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

do MST, sejam eles de maior ou menor escala, na qual um grupo de pessoas assume o papel de ambientar o espaço físico por meio de materialidades simbólicas — como livros, alimentos, bandeiras e artesanatos — além de orquestrar os ritos cênicos, como a tradicional entoação do hino do MST e, também pode incluir, ou não, a apresentação de poemas e músicas. Importante salientar que a mística Sem Terra pode assumir diversas tangibilidades, conforme as circunstâncias e sujeitos envolvidos. Em sua totalidade, essa vivência encarna a memória e a resistência como prática militante, através de um momento lúdico imbuído de reflexão política e afetiva (BARBOSA, 2019).

A mística, enquanto prática materializada, é vivenciada por diversos movimentos sociais no Brasil e na América Latina (NETTO, 2007), e desempenha um papel central no cotidiano militante do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) (BARBOSA, 2019). Este movimento social brasileiro tem como objetivo organizar o povo camponês na construção de um projeto popular de nação, fundamentado na Reforma Agrária Popular como pilar estruturante, orientando suas ações para o enfrentamento da monocultura e da contaminação por agrotóxicos. Nesse sentido, incorpora a Agroecologia (PRIMAVESI, 2016) como ciência e prática que reconhece o solo como organismo vivo e promove sistemas agrícolas em equilíbrio com os ecossistemas — como ferramenta estratégica de luta e de produção de alimentos saudáveis. Sua organização baseia-se na participação coletiva, estruturada em cooperativas, núcleos locais, regionais, estaduais e nacionais, com forte incentivo à participação das mulheres e de toda a comunidade nas decisões coletivas, consolidando-se como o maior movimento social da América Latina e um dos maiores do mundo (STÉDILE; FERNANDES, 2012).

Segundo o *Caderno de Cultura nº 01* do MST (2018), ao longo de seus 42 anos, o MST consolidou a cultura Sem Terra como dimensão indissociável da luta, assumindo papel estratégico na superação das crises no contemporâneo, como a divisão social do trabalho, a crise climática e seus desdobramentos sócio-ambientais. Portanto, a resistência política do MST pressupõe que os sem terra produzam artes que representam os projetos do movimento, confrontando a produção estética do capitalismo, que se utiliza da dimensão do sensível em sua disputa pelo imaginário da sociedade. Nesse contexto, a

mística desempenha um papel central da territorialidade Sem Terra, podendo ser compreendida também a partir da noção de *cosmopolíticas* (STENGERS, 2018).

Para Stengers, *cosmopolíticas* significam uma política que reconhece e acolhe a pluralidade de cosmologias, entendendo que há diferentes formas de vida, conhecimento e relação com o mundo que coexistem e devem dialogar. Em oposição à hegemonia de um único modo de conhecimento — geralmente o científico e ocidental —, as cosmopolíticas promovem um espaço de escuta, respeito e negociação entre saberes diversos. Stengers aponta para uma abertura a múltiplas formas de existência e resistência, ampliando as possibilidades de engajamento político e cultural.

Aportado na noção de *Partilha do Sensível* de Jacques Rancière, a mística pode ser compreendida como uma expressão sensível da arte desenvolvida no âmbito da cultura Sem Terra. Em consonância com essa perspectiva, Arturo Escobar (2018) enfatiza que movimentos sociais como o MST promovem transformações profundas nas formas de vida, construindo novos mundos por meio da valorização dos corpos, territórios e saberes locais. Nesse contexto, a leitura da mística pela arte contemporânea constitui um desafio aos paradigmas hegemônicos, na medida em que a própria prática da mística representa um gesto de ruptura e resistência.

Enquanto vivência estética-política, a mística incorpora uma potência singular ao questionar códigos estabelecidos (FLUSSER, 2007), instituir novas formas de percepção e participação, e ampliar os espaços nos quais sujeitos políticos podem se expressar e resistir. Nesse processo, articula um diálogo crítico com as concepções convencionais de Arte Contemporânea, redistribuindo o sensível e reconfigurando as fronteiras do que pode ser percebido, dito e realizado dentro de uma dada ordem social (RANCIÈRE, 2004). Dessa forma, a mística configura-se como prática plural de mundos e saberes, manifestando-se por meio da arte, do corpo e do rito, e consolidando-se como instrumento potente na construção de alternativas aos paradigmas dominantes.

O presente recorte situa-se em março de 2024, por ocasião da Sessão Solene realizada na Assembleia Legislativa do Ceará (Alece), em comemoração aos 40 anos do

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). O evento decorreu do requerimento protocolado pelo Deputado Estadual Missias do MST, o primeiro parlamentar sem-terra eleito no estado. Essa conjuntura simboliza uma virada estratégica do MST nas eleições de 2022, quando o movimento expandiu sua atuação ao ocupar não apenas terras improdutivas, mas também espaços legislativos em várias regiões do país, marcando uma inflexão significativa em sua atuação política (SANTOS; LIMA, 2023).

Na ocasião, o Plenário 13 de Maio — espaço institucional tradicionalmente formal e homogêneo — foi tomado por uma vibrante presença dos militantes e homenageados do MST, que ocuparam não apenas todas as cadeiras, mas também se fizeram presentes em pé, preenchendo o ambiente com cores, símbolos e o fervor da luta por justiça social. A mística Sem Terra manifestou-se de forma intensa e palpável. A organização decorou o local com girassóis, cestas de palha contendo livros de autores como Paulo Freire, exemplares da revista Sem Terra e cartilhas de gênero. Além desses elementos simbólicos, alimentos agroecológicos — frutas e legumes produzidos nos assentamentos e cooperativas do movimento — foram expostos, junto a uma grande bandeira do MST que dominava o cenário. A dimensão ritualística do evento foi marcada pela declamação de poemas, compostos e recitados pelos próprios militantes, acompanhados de músicas ao violão e o canto do hino do MST, consolidando o rito cênico como expressão central da mística presente naquele espaço.

Pode-se afirmar que a mística presente nesse momento assume um caráter singular e profundamente emblemático ao deslocar-se de seu ambiente tradicionalmente militante para ocupar um espaço político-institucional historicamente distante das expressões populares e camponesas. A sua presença na Assembleia Legislativa do Ceará — onde a representatividade das lutas do campo sempre foi marginalizada — configura não apenas uma ruptura simbólica, mas também a legitimação da força e da relevância da cultura Sem Terra (BOGO, 2010; BARBOSA, 2019; ESCOBAR, 2018).

A mística, nesse contexto, incorpora a arte contemporânea como um campo em disputa ao intervir nos códigos formais da política por meio de uma linguagem simbólica,

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

corporal e afetiva. Trata-se de uma ocupação do poder que se dá como uma linguagem insurgente, capaz de tensionar as estruturas institucionais e afirmar a legitimidade do povo sem-terra nos espaços formais de decisão (ESCOBAR, 2018; RANCIÈRE, 2004). Nesse sentido, aproxima-se das estratégias da arte contemporânea engajada, em que estética e política se entrelaçam na produção de sentidos e insurgências (FLUSSER, 2007; STENGERS, 2018).

Dialogando com a performance artística e as epistemologias decoloniais, a mística inscreve-se no campo simbólico da arte contemporânea como território de disputa — mesmo quando não intenciona sê-lo (ESCOBAR, 2018; RANCIÈRE, 2004). Essa não intencionalidade, longe de enfraquecê-la, constitui sua força poética e política, revelando um repertório sensível que fundamenta esta pesquisa. A performance em arte, nesse contexto, transcende os corpos que encenam, alcançando, transformando e configurando outras subjetividades possíveis (FLUSSER, 2007; BARBOSA, 2019). Sua potência também está na capacidade de romper com os códigos formais da política, configurando-se como uma presença que tensiona as normas institucionais sem submeter-se a elas. Assim, a mística atua como uma tecnologia de resistência e memória, forjando subjetividades coletivas comprometidas com a transformação social (BARBOSA, 2019).

REFERÊNCIAS

ALECE — Assembleia Legislativa do Estado do Ceará. **Deputado Missias Dias defende importância do MST para a agricultura no Ceará.** Fortaleza, 20 mar. 2024. Disponível em: <https://www.al.ce.gov.br/noticias/45773-deputado-missias-dias-defende-importancia-do-mst-para-a-agricultura-no-ceara>. Acesso em: 8 ago. 2025.

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

BARBOSA, Luciano Carvalho. **As místicas do MST: aspectos formais, políticos e organizativos da construção estética do território.** Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe) — Instituto de Políticas Públicas e Relações Internacionais (IPPRI), Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), São Paulo, 2019. 129 f.

BOGO, Ademar. **A mística: parte da vida e da luta.** In: **A mística é essa energia criativa que não cansa...**, p. 212-226, 2010. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/330969198/Mistica-Ademar-Bogo>. Acesso em: 8 ago. 2025.

ESCOBAR, Arturo. **Sentipensar con la tierra: nuevas lecturas sobre desarrollo, territorio y diferencia.** Medellín: Universidad Autónoma Latinoamericana (UNAUCLA), 2014.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado: por uma filosofia do design.** São Paulo: Cosac Naify, 2007.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST). **Caderno de Cultura nº 01.** [S.l.], 2018.

NETTO, Sebastião Leal Ferreira Vargas. **A mística da resistência: culturas, histórias e imaginários rebeldes nos movimentos sociais latino-americanos.** Tese (Doutorado) — Universidade de São Paulo (USP), 2007.

PRIMAVESI, Ana Maria. **Manejo ecológico do solo: a agricultura em regiões tropicais.** São Paulo: Nobel, 2016.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política.** Tradução de Augusto Pacheco. São Paulo: Loyola, 2004.

SANTOS, Israel; LIMA, Ana Paula. **As candidaturas do MST e a questão agrária nas eleições de 2022.** **InSURgência: Revista de Direitos e Movimentos Sociais**, Brasília, v. 7, n. 1, p. 89-112, 2023. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/insurgencia/article/view/54065>. Acesso em: 05 ago. 2025.

STÉDILE, João Pedro; FERNANDES, Bernardo Mançano. **Brava gente: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil.** 2. ed. São Paulo: Expressão Popular; Fundação Perseu Abramo, 2012.



**V COLÓQUIO DE
PESQUISA EM
DESIGN E ARTES**

5, 6 e 7 de novembro 2025